

IDENTIDADE HOMOSSEXUAL DO ADOLESCENTE: QUANDO A ESCOLA TORNA-SE UM LOCAL DE LEGITIMAÇÃO DA HOMOFOBIA ¹

Ednaldo Andrade Barros

Mestrando em Educação Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ, Professor das Redes Municipais de Ensino de Recife –PE e São Lourenço da Mata -PE .-barrosed@hotmail.com

Hugo Monteiro Ferreira

Doutor em Educação pela UFRN, professor do Departamento de Educação da UFPE/PPGECI/GETIJ-Recife-PE- hmonteiroferreira@ yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho analisa a violência contra estudantes adolescentes homossexuais na escola, entendendo como essa violência pode atrapalhar o desenvolvimento pleno desses sujeitos e mais especificamente, como o processo de ensino aprendizagem pode ser comprometido diante de um quadro de sofrimento, silenciamentos e conflitos. Os principais objetivos deste trabalho foram: entender como a escola colabora com as práticas de violência contra os alunos homossexuais ou que assim sejam denominados pelos colegas, professores e demais atores do ambiente escolar; descrever as principais formas de materialização da violência contra os estudantes; analisar como esses estudantes vítimas das violências entendem a atuação da escola enquanto instituição do estado democrático de direito. O trabalho foi alicerçado por uma pesquisa qualitativa realizada através de uma pesquisa bibliográfica e empírica. Para a realização da parte empírica fomos à escola e entrevistamos estudantes que já tinham sido vítima de violência física ou simbólica em seu trajeto acadêmico. Os dados foram analisados na perspectiva da análise do conteúdo.

Palavras chave: homofobia-homossexualidade-violências-escola

Introdução

A questão da homossexualidade nas escolas tem desafiado os estudiosos das mais diversas áreas na busca por caminhos que norteiem uma prática pedagógica libertadora, mas que, ao mesmo tempo, acolha as dificuldades dos docentes e dos demais atores escolares que atuam com essa temática. É sabido que a dificuldade de se abordar tal assunto tem ranços históricos de preconceitos e desinformação, o que, se não compreendido e combatido, gerará mais violência e divisão. Nessa perspectiva, a educação e a cultura em Direitos Humanos podem colaborar bastante quando

Trabalho realizado como parte do curso de aperfeiçoamento: Gênero e sexualidade na escola ministrado pelo Centro de educação da UFPE realizado em 2014.

defendem a formação de uma nova mentalidade coletiva para o exercício da solidariedade, do respeito às diversidades e da tolerância.

É fato que a escola ignorou por muito tempo a homossexualidade e, por consequência, ignorou os homossexuais. Fingir que algo não existe não faz com que este algo concreto, desapareça. Essa estratégia deixa mais difícil a garantia de direitos a um grupo que é “apagado” o tempo todo da história. A instituição escolar, por caracterizar-se como um processo sistemático e multidimensional que orienta a formação do sujeito de direitos, deveria ter como objetivo central combater o preconceito, a discriminação e a violência, promovendo a adoção de novos valores de liberdade, justiça e igualdade. Infelizmente não é o que tem ocorrido quanto à convivência com as minorias, principalmente com os homossexuais.

Sendo o Brasil signatário da Educação em Direitos Humanos, como canal estratégico capaz de produzir uma sociedade igualitária que extrapole o direito à educação permanente e de qualidade, por que há ainda tantos relatos de violência contra determinados grupos? Por que professores e professoras não se sentem à vontade para discutir sexualidade com seus estudantes? Por que preferem a omissão ou a superficialidade quando esse tema surge espontaneamente nas salas de aula, quase sempre em forma de discriminação que machuca e macula suas vítimas? As respostas para esses questionamentos virão de inúmeras pesquisas de diversos atores sociais, mas parece razoável que dialoguem entre si e entendam que a escola pode ser o local de intercessão dessas pesquisas.

No tocante a formação da personalidade, Essas são as primeiras questões que aparecem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica nesse processo. É importante se trabalhar com um conceito amplo de relações de gênero, que mostre que há infinitas formas de ser homem e de ser mulher e de expressar isso. Nesse sentido, a escola pode e deve garantir o desenvolvimento de processos metodológicos participativos e de construção coletiva, utilizando linguagens e materiais didáticos contextualizados para o fortalecimento de políticas que gerem ações e instrumentos em favor da promoção, da proteção e da defesa dos Direitos Humanos, bem como da reparação das violações.

❖ Objetivos

• Objetivo geral:

Investigar como a escola colabora com as práticas de violência contra os alunos homossexuais ou que assim sejam denominados pelos colegas, professores e demais atores do ambiente escolar;

- Objetivos específicos:
 - ✓ Descrever as principais formas de materialização da violência contra os estudantes;
 - ✓ Analisar como esses estudantes, vítimas das violências, entendem a atuação da escola enquanto instituição do estado democrático de direito.
 - ✓ Fomentar a discussão e o protagonismo dos estudantes no desenvolvimento de estratégias que evitem e combatam a homofobia entre os muros da escola e fora deles.

Fundamentação teórica

Abordar o tema homossexualidade nas escolas de acordo com uma perspectiva de liberdade implica em planejamento e ações pedagógicas sistemáticas. Mas os próprios documentos que norteiam a educação básica tratam muitas vezes, do assunto de forma vaga e que não suprem as necessidades metodológicas dos docentes. Se a escola pretende ser a afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura de paz em todos os espaços da sociedade, a formação de consciência cidadã capaz de se fazer presente nos níveis cognitivo, social, ético e político precisa repensar suas práticas excludentes. Nessa linha de raciocínio, Borillo (2010, P.16), sublinha que:

A homofobia é um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado, mas ele pode também ASSUMIR formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio, como foi no caso da Alemanha nazista. A semelhança de qualquer forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela interpreta e tira suas conclusões materiais.

Nessa perspectiva, se o homossexual é o culpado pelo crime/pecado que comete deve ser também responsável por qualquer tipo de violência que venha a sofrer. É a partir dessa contextualização que apresentamos nosso estudo como ferramenta para a compreensão do problema do preconceito sexual e da homofobia existentes nas escolas, que visa explicar através de um trabalho qualitativo os impactos negativos na vida das vítimas de violências simbólica e física por conta de sua orientação sexual.

Alguns estudiosos têm se debruçado sobre a homossexualidade na escola. Mas ainda são incipientes os estudos que focam em e como os estudantes de orientação homossexual lidam com o preconceito e discriminação dentro e fora das salas de aula. Para Luiz Roberto Mott (2003), Homossexualidade significa “sexo igual”, podendo ser aplicado tanto para homem que se relaciona com homem, quanto para a mulher que se relaciona com mulher. Um conceito tão simples de ser compreendido do ponto de vista semântico, tem se caracterizado por um dos temas mais polêmicos

na educação nos últimos anos. E a escola enquanto locus privilegiado de formação precisa empreender um projeto de educação sexual que aborde e garanta a liberdade.

Para Meyer e Borges (2008), a homofobia no Brasil recebe um reforço cultural na desvalorização de tudo que é feminino ou „coisa de mulher“. Os homens que se aproximam de um comportamento socialmente identificado como feminino são fortemente vigiados, discriminados e, certamente, sofrerão vários tipos de penalidades na escola, que envolvem, muitas vezes, violência física. Essa violência é também problematizada por Oliveira e Martins (2007, p. 95):

A violência que se configura dentro do espaço escolar, manifestada através do comportamento dos alunos, lança professores diante da confusão da possibilidade de um ensino libertador (caso seja esta a sua proposta) e de uma realidade insuportável, na qual os educadores recorrem a expedientes autoritários e até mesmo violentadores, a fim de manter a “ordem geral”. São estabelecidas regras, controles, punições e dominações para disciplinar os alunos em estados de rebeldia.

A instabilidade instalada pelos conflitos acaba gerando protocolos de resolução que a um olhar mais atento, são construídos e emoldurados por ranços de violência e autoritarismos.

Caminhos metodológicos

Nossa investigação estudos foi alicerçada num estudo de caso etnográfico, numa abordagem qualitativa por compreendermos ser esse o modelo de investigação mais propício ao nosso campo de estudo. Pois conforme Geertz (1989, p. 35),

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura”) de um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerentes, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas como exemplos transitórios de comportamento modelado.

Para tanto, as principais técnicas utilizadas foram: análise documental, (análise do Projeto Político Pedagógico da escola-PPP) observação participante, entrevista semi- estruturada, e rodas de conversas, entendendo a combinação desses elementos como facilitadores de um estudo etnográfico. Realizaremos a pesquisa empírica numa escola da rede estadual de ensino do estado de Pernambuco situada na zona norte da Cidade do Recife. Os estudantes foram selecionados a partir de um questionário aplicado em todas as turmas do ensino médio. O questionário perguntava basicamente quem já havia sofrido algum tipo de violência por ser ou aparentar ser homossexual. Não houve escolha por gênero, por uma questão de coincidências todos os sujeitos da pesquisa são do sexo masculino. E outro critério utilizado para escolha dos investigados era a disponibilidade em participar da pesquisa. Fizemos sete visitas na escola sendo duas delas para estudo do

funcionamento burocrático da unidade e análise do Projeto político pedagógico e seis, para a coleta de dados com estudantes participantes do estudo.

Resultados e discussão

Esse estudo traz à tona as formas com as quais a violência se materializa no espaço escolar. Treze dos quinze adolescentes participantes do estudo, afirmaram que sofrem com as piadas e perseguições de outros estudantes e também com brincadeiras e comentários maldosos de alguns professores e outros funcionários da escola. Três estudantes afirmaram já terem sofrido violência física dentro da escola e que os rumos que esses acontecimentos tomaram não assumem um caráter problematizador, mas puramente punitivo e com traços de injustiça. Muitas vezes culpabilizando a vítima.

Os estudantes participantes da pesquisa afirmam que concordam com a punição dos agressores, mas defendem também uma melhor abordagem por parte da equipe gestora da escola. Acreditam que tratar dos agressores de forma dissociada da causa da agressão não colabora muito com a construção de uma escola que prime pelo respeito à diferença. Questionados sobre o processo de acolhida na escola 14 estudantes afirmaram que percebem que se a escola pudesse escolher não os teria como estudantes naquela unidade. Sobre o perfil dos professores para se trabalhar com a temática violência e homofobia, os estudantes afirmaram que contam com a colaboração e envolvimento de 03 professoras sendo uma delas homossexual assumida.

Os dados aqui descritos sustentam a tese defendida por Stoer (2008, p. 15):

A ação pedagógica reproduz o arbitrário cultural das classes dominantes ou dominadas. A ação pedagógica (institucionalizada) da escola reproduz a cultura dominante e, através desta, a estrutura de relações de força dentro de uma formação social, possuindo o sistema educativo dominante o monopólio da violência simbólica legítima. Todas as ações pedagógicas praticadas por diferentes classes ou grupos sociais apoiam objetiva e indiretamente a ação pedagógica dominante, porque esta última define a estrutura e o funcionamento do mercado econômico e simbólico (2008, p. 15).

A escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais. “A mais profunda e estrutural modalidade de violência perpetrada pelo Estado é a violência simbólica, cujo “modus operandi” se dá à sombra da permanente naturalização de seus objetos e/ou alvos, configurando o que se poderia chamar de um permanente “estado de violência”, onde o que está em jogo não é a integridade física de indivíduos e/ou grupos, mas sim a integridade de sua participação cultural” (MENDONÇA, 1996, p. 2).

No quesito que se propunha entender como o protagonismo desses estudantes no combate a homofobia na escola e fora dela, os estudantes são unânimes na afirmação de que é preciso discutir

essa temática na escola. É preciso se pensar em metodologias plurais para pessoas plurais. Para eles, a escola não pode simplesmente ignorar a violência sofrida pelos estudantes homossexuais porque não sabem como lidar com isso. A busca de formação é imprescindível para atenuar esses conflitos no espaço escolar.

Considerações finais

A escola ainda é pensada para alunos heterossexuais. Os estudantes que se apresentem com orientação diferente devem ser orientados a silenciar. Ele será aceito pelo grupo se não evidenciar sua diferença. Tal perspectiva fortalece o preconceito e corrobora para um mundo de sectarismos e negação de direitos universais. A sexologia na escola é sempre ensinada de forma “padrão”, colocando como natural que os opostos se relacionem, ou seja, a mulher e o homem, reproduzindo comportamentos ditos “normais”, tudo que passa dessa “verdade” induzida, a escola faz “vistas grossas”, e diz que não está dentro do cronograma de aprendizagem dos alunos.

Mas uma “nova escola” é possível. E se a escola velha estiver disposta a ouvir todos (as) os (as) estudantes, uma nova forma de se pensar a educação pode emergir. Uma escola plural não pode fechar os olhos para as diferenças. O estudo nos permite concluir que estudantes com homossexuais sofrem muito na escola e que esse sofrimento pode trazer-lhes consequências catastróficas para seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Mas também traz para as sombras da indiferença, a luz da esperança. Os próprios estudantes que são vítimas diariamente do preconceito e das múltiplas formas de violências, estão gritando por socorro, ao mesmo tempo, que indicam caminhos possíveis para se caminhar em paz na escola. Ouvi-los parece ser o caminho mais razoável.

Referências

- BORRILLO, Daniel. *Homofobia; história e crítica de um preconceito*. Trad. Guilherme João de Freitas Texeira- Belo Horizonte: Autêntica Editora,2010.
- MENDONÇA, S. R. *Estado, violência simbólica e metáforização da cidadania*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, 1996, p. 94-125.
- MEYER, ZM e Borges, DE (2008). Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ., RJ, v. 16, n. 58, p. 59-76.
- MOTT, Luiz. *Homossexualidade: mitos e verdades*. 1ª ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.
- OLIVEIRA, É. C. S. e MARTINS, S. T. F. *Violência, Sociedade e Escola: da recusa do diálogo à falência da palavra*. Psicologia & Sociedade, 19(1), p. 90-98; jan/abr, 2007.
- STOER, S. R. *A genética cultural da reprodução*. Educação, Sociedade & Culturas, n.º 26, 2008, 85-90
- GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC-Livros técnicos e científicos. Editora S.A,1989